

## A BARRA DA TIJUCA: REPRESENTAÇÃO DE “SEGURANÇA” E PRIVACIDADE NO IMAGINÁRIO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Adriana Gonçalves de Lima<sup>1</sup>

A ciência é representação. A Geografia, portanto, como ciência também é representação. O espaço é representação. Categoria-chave da própria ciência geográfica. Por isso, nosso conceito de representação vai nos inferir quanto ao que concebemos como ciência e como discurso geográfico. Muitos geógrafos se dedicam e se ocupam a estudar as diversas nuances da representação. Entre eles, David Lowenthal, que nos fala das diferentes maneiras com que os povos das mais variadas culturas se relacionam com o espaço e enxergam as paisagens. *Assim, cada povo também tem sua própria visão, criando uma leitura específica do espaço, contendo práticas espaciais pertencentes e reconhecíveis apenas àquela população.*(LOWENTHAL, 1985: 241).

Entretanto, os lugares apresentam uma imagem (parte da realidade, mas não a realidade em si) veiculada através dos meios de comunicação. Isto contribui com a visão que um estrangeiro pode ter em relação a um lugar. Uma visão de mundo externa e que também participa na construção de uma identidade daquele local. *Os estereótipos influenciam o como aprendemos e o que sabemos sobre cada lugar do mundo.*(LOWENTHAL, 1985: 260). A França como um lugar romântico, a Espanha como um lugar ardente e a China como um lugar onde a população somente se locomove de bicicleta, são alguns exemplos.

Além disso, a memória também constitui elemento gerador de nossas visões de mundo, dentre os que já foram citados anteriormente. *Aquilo que aceitamos como verdadeiro ou real depende não somente do que pensamos conhecer sobre o mundo exterior, mas também daquilo que anteriormente acreditávamos.* (LOWENTHAL, 1985: 260). E inclusive, o mundo que é inventado na literatura, por exemplo, não deixa de ser considerado representação de mundo. *Os mundos inventados podem até mesmo abrigar absurdos lógicos. Se nós não pudermos imaginar o impossível, os nossos mundos, tanto os particulares como os coletivos, seriam muito pobres.*(LOWENTHAL, 1985: 260). J. R. Tolkien gerou a partir de sua criatividade, uma representação de sociedade, com a sua Sociedade do Anel. O lugar imaginário, então, ganhou localização e um mapa próprio.

---

<sup>1</sup> UFF –Universidade Federal Fluminense  
e-mail: adrianalima@br.inter.net

Na própria história da Humanidade, a excitação em torno das imaginações do que seriam os mundos ainda não descobertos, era grande. Ainda hoje, nossa idéia da vida em Marte, passa por uma representação do que seja a vida extraterrena. Assim também o foi na Idade Média e na época das navegações, eclodindo nos descobrimentos. *A localização suposta e os aspectos do Paraíso estimularam muitos cartógrafos medievais, muitas expedições de exploração procuraram elusivos Eldorados.* (LOWENTHAL, 1985: 260).

Para a Geografia, a representação é sinônimo de ciência, conceito, visão de mundo, leitura do espaço por cada povo e cultura, imagem, invenção e memória. Mas, não é só isso. Uma das representações se sobrepõe às outras. Ou seja, há uma predominância de uma visão hegemônica sobre as outras visões de mundo. O que denota uma relação com o espaço, em que as práticas predominantes também são as que nasceram de uma visão dominante. A visão de mundo hegemônica serve à legitimação de um poder, atravessando tempos, mesmo que as espacialidades não sejam as mesmas, nem as escalas e que até os discursos e as imagens veiculados sejam diferentes para cada época. As motivações são as mesmas. *Na relação da sociedade com o espaço, não se deve ignorar o caráter ideológico, que se remete à uma ordem diretora das próprias práticas espaciais.* (RÓNAI, 1977:4).

A paisagem reflete as espacialidades<sup>2</sup>, cuja importância reside na questão do espaço ser um produto do seu tempo histórico e do modo de produção. Ou seja, se há uma relação sociedade/espaço ideológica, esta mesma ideologia vai depender de seu tempo e de seu modo de produção. Podemos observar, através das atividades turísticas, o quanto o tempo e o seu modo de produção capitalista, direcionam o uso do espaço como objeto de consumo. A paisagem, então, torna-se um cartão-postal.

Além disso, a paisagem nos demonstra o conflito entre a hegemonia e a contra-hegemonia. Tal entrave que proporciona uma complexidade dos acontecimentos sobre a superfície terrestre. *Pois, o espaço é tensão. Enquanto a contenda não se define, o espaço e contra-espaço se conflitam dentro da sociedade constituída.* (MOREIRA, 2001:26-28).

O papel da representação tem um significado importante: o de, por meio de discursos e imagens, evidenciar os valores de uma sociedade. *A representação é uma criação, por isso, plena de historicidade no seu movimento de enunciar ou revelar pelo discurso e pela imagem o movimento do mundo.*(BARBOSA, 2000: 73).

O conceito de formação discursiva, elaborado por Michel Foucault permite compreender o peso dos discursos em uma determinada época. Com a Barra da Tijuca, os discursos podem ser considerados representações, detentores de verdades, cuja vigência dependerá do grau de poder das instituições que as sustentam. *As instituições*

---

<sup>2</sup> O termo espacialidade, segundo Rónai, significa uma *relação operacional e semiótica que uma sociedade tem com o espaço. Relação estratégica e ideológica.* (RÓNAI, 1977:4).

*encarregadas do ordenamento e controle dos discursos conferem-lhes o poder, a marca e o selo, inscrevendo-os na ordem discursiva que lhes é designada.*(VELOSO; MADEIRA apud Foucault, 1999: 50).

Encarar os discursos como formatadores do próprio real, nos encaminha a algumas interrogações: Como e por que as idéias se constroem? Como as pessoas escolhem, de acordo com o seu poder aquisitivo, morar em um determinado lugar e não em outro? O que as faz se identificar com tal bairro? Existe uma rede discursiva e institucional, onde os atores dialogam, conflitam e lutam pelas posições de poder, a fim de que haja um discurso hegemônico. Sendo os discursos, capazes de modelar e constituir o tempo e o espaço dos quais emergem.

É a partir dos discursos estéticos, científicos e políticos que poderemos ler os diálogos e conflitos da cultura, nos oferecendo um quadro dos elementos que formam a realidade. Ao se estudar a Barra da Tijuca, foi compreendido que o bairro comporta inúmeras representações sociais. Ou seja, *a observação das representações sociais é algo natural em múltiplas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais* (JODELET, 2001: 17/18). O poder da mídia e dos discursos existentes na influência de uma configuração territorial chamada Barra da Tijuca.

Sendo assim, *compreendemos que a representação social é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.* (JODELET, 2001:22). Portanto, a paisagem é uma criação de um conjunto de representações sociais, que nossa sociedade constrói, a cada tempo histórico. Cada consciência vai registrar, sem dúvida, a representação social componente de uma época e de sua geração. Vejamos, então, a Barra da Tijuca como representação, através da representação da Barra da Tijuca.

#### A BARRA DA TIJUCA.

O sertão carioca, como foi descrita a Barra da Tijuca por Magalhães Corrêa – um dos primeiros, senão o primeiro ambientalista da região – originou-se de antigas sesmarias doadas aos parentes do Governador Salvador Correia de Sá. Seria esta, uma estratégia de ocupação para evitar invasões de piratas estrangeiros, que por não conseguirem adentrar pela Baía de Guanabara bem fortificada, tentavam passar pelo litoral mais a oeste da Cidade. No entanto, uma das descendentes dos Correia de Sá então proprietária das terras e sendo viúva e sem filhos, entregou a posse do lugar aos padres beneditinos. Estes fizeram algumas melhorias, como abertura de caminhos, que mais tarde ajudariam no acesso à área. E ainda, construíram igrejas e capelas, como a afirmação na paisagem, de um domínio eclesiástico do território. Com a crise do sistema escravocrata e a eclosão da

própria abolição, os padres se enfraqueceram economicamente, passando as terras para a Companhia Engenho Central de Jacarepaguá, em 1891.

Aliás, essas terras sempre foram propriedade de poucos, até que elas foram parceladas em lotes, a partir dos anos 1970 do século XX. *No início foram os Sá, o Mosteiro de São Bento, depois os Telles de Menezes e finalmente os grandes proprietários de hoje: Carvalho Hosken, Pasquale Mauro e Tjong Hiong Oei (da empresa ESTA).* (PINHEIRO, 2001: 61). Mas, a ocupação humana da Barra da Tijuca não foi tão fácil, pois o acesso à área sempre foi considerado dos mais difíceis. É no século XX que os acessos são facilitados, pelo avanço da tecnologia e pela necessidade em transpor os maciços<sup>3</sup>, na expansão urbana da Cidade.

Assim, o bairro cresceu por trás, ou seja, via Jacarepaguá e a Zona Norte, de onde vinham os veranistas e freqüentadores. Essa dificuldade de acesso, provocada pela localização da região, tornou lenta a ocupação intensa da Barra, pela Zona Sul. O que só foi acontecer mais tarde. Nisso, o papel do automóvel tem uma importância fundamental como símbolo da velocidade e da comodidade modernas. *Diferentemente do resto da cidade, que cresceu puxada pelos transportes coletivos, bondes ou trens, a Barra, como São Conrado, se expandiu sobre quatro rodas e com asfalto no lugar dos trilhos.*(PINHEIRO, 2001: 67).

Neste período, o Brasil entra na era moderna. São os anos JK (1955-1960), com o Presidente Juscelino Kubitschek, que investiu na criação de uma capital federal no Planalto Central: Brasília. O objeto mais importante no cenário urbano é o automóvel, e no Rio a expansão urbana toma a direção da Barra da Tijuca. Daí, surgiram novos investimentos à acessibilidade de uma área pouco visitada pelos moradores da cidade: a auto-estrada Lagoa-Barra, a implantação definitiva da Grajaú-Jacarepaguá, os acessos à Prainha e Grumari e à atual Ayrton Senna, antes Via 11e Alvorada, que concretizou a ligação Barra-Jacarepaguá. Com isso, consolida-se o quadro que permitiria um plano de atuação sobre o bairro. Foi justamente o que aconteceu, em meados da década de 1960, com o Plano Lúcio Costa.

Foi no governo do prefeito Negrão de Lima, mais precisamente em fins de 1968, que a área em estudo foi confiada aos cuidados de um plano urbanístico, coordenado pelo arquiteto Lúcio Costa. *A abertura da auto-estrada Lagoa-Barra criando-lhe fácil acesso, graças a um sistema conjugado de túneis e viadutos, trouxe à tona a importância da região patenteando a necessidade de estabelecer determinados critérios de urbanização.*(COSTA, 1969: 1). Um dos mais conceituados urbanistas brasileiros, com fama internacional e

---

<sup>3</sup> A Barra da Tijuca possui dois maciços importantes para a história de sua ocupação. São os maciços da Pedra Branca e da Tijuca, que por rodearem a região, tornando-a de difícil acesso, a protegeram da ocupação intensa até a segunda metade do século XX.

também criador da cidade de Brasília, Lúcio Costa, por assim dizer, foi o homem escolhido para pensar sobre a Barra da Tijuca. *Ao confiar-lhe a tarefa, o governo estadual pretendia conferir a esse processo as marcas da modernidade e, ao mesmo tempo, da preservação da natureza.*(LEITÃO, 1999: 59).

Suas idéias, nascentes da escola racionalista de Le Corbusier, por quem sentia admiração, se baseavam nas seguintes premissas: *uma cidade moderna vive praticamente de linhas retas. A circulação exige linha reta. A reta é sadia também para a alma das cidades. A curva é prejudicial, difícil e perigosa, ela paralisa.* (LEITÃO, 1999: 188). Em seus estudos, Le Corbusier apontava a densidade demográfica (relação entre as cifras da população e a superfície que esta ocupa) elevada como um dos fatores responsáveis pelas “condições de habitabilidade nefastas” nas grandes metrópoles européias, no início da década de 20. As conseqüências das densidades elevadas seriam a falta de sol, ocasionando um insalubridade, além da promiscuidade devido à proximidade das moradias e ausência das instalações sanitárias.

Como decorrência do acelerado processo de urbanização observa-se, também, uma progressiva destruição das áreas verdes que circundam as cidades. Sobre os efeitos desse processo desordenado de urbanização, a idéia de Le Corbusier era de *repudiar o traçado das cidades, em virtude do qual se acumulam os imóveis, se enlaçam as ruas estreitas repletas de barulho, de cheiro de gasolina e de poeira. As cidades tornaram-se densas demais para a segurança dos habitantes.* (LEITÃO, 1999: 75). Le Corbusier atribui esse caótico quadro de expansão urbana à inexistência de um planejamento que ordene a ocupação do solo a partir de um ponto de vista humano. Sua crença era a de que a revolução arquitetônica, com a introdução do vidro, do aço e do cimento armado permitiu encontrar as soluções necessárias.

A partir desses elementos – e do postulado criado pelo IV CIAM<sup>4</sup>: o sol, a vegetação e o espaço são as três matérias-primas do urbanismo – Le Corbusier formula o paradigma de um novo espaço urbano. *A casa deixará de estar ligada à rua. A moradia se elevará ao seu próprio meio, donde desfrutará de sol, de ar puro e do silêncio; a circulação se dará por meio de vias de tráfego lento para uso de pedestres e vias de trânsito rápido para uso dos automóveis.*(LEITÃO, 1999: 70-75). Compreendido entre os últimos anos da década de 60 e a primeira metade da década de 70, o Brasil vivia nesse período a época do chamado “milagre” econômico. Havia um expressivo crescimento do Produto Interno Bruto, das exportações e do consumo de bens duráveis. A produção imobiliária, por sua vez, alicerçada

---

<sup>4</sup> O CIAM foi o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, em 1934, onde elaboraram um documento chamado Carta de Atenas, que estabeleceu as diretrizes que orientariam, nas décadas seguintes, a atuação de arquitetos e urbanistas. Le Corbusier teve influencia decisiva na criação das teses aprovadas neste encontro. Apesar disto, os planos urbanísticos de Le Corbusier, em sua maioria, jamais foram executados.

nos financiamentos concedidos pelo Governo Federal, através do BNH, registrava um aumento significativo de suas atividades, em relação aos anos anteriores. *Neste período, as ações do Estado vão se caracterizar, sobretudo, por privilegiar os estratos da população de renda mais elevada.*(LEITÃO, 1999: 52).

Era um período de arrocho político: em 1968, foi editado o Ato Institucional no. 5 (AI-5), que dava absolutos poderes ao Governo, que, conseqüentemente, detinha o controle sobre a sociedade civil brasileira. *Até as cidades foram atingidas: mais de cinco dezenas delas seriam consideradas de segurança nacional, sem direito de eleger seus prefeitos, entre elas o Rio de Janeiro.* (PINHEIRO, 2001: 83). É neste cenário estético, político e econômico que nasceu o Plano Piloto da Baixada de Jacarepaguá e Barra da Tijuca.

O objetivo do Plano era definir o eixo de expansão da Cidade do Rio de Janeiro, em direção à zona oeste, segundo a ética de uma urbanização racional que possibilitasse um desenvolvimento em uma 'fórmula' oposta ao que acontecera no Centro (reforma Pereira Passos) e em Copacabana (intensas verticalização e ocupação do solo).

Em comum, o fato de que o Centro, Copacabana e a Barra da Tijuca, cada um a seu tempo, são os ícones de uma cidade em busca de novas imagens atualizadas e sintonizadas com as tendências então em voga no chamado mundo desenvolvido.

Em cada um desses lugares o modelo adotado teve como elemento estruturador um grande eixo de circulação e de passagem, onde se instalariam marcos significativos da imagem de cada época. No Centro, esse modelo manifestou-se na construção da Avenida Central, depois Rio Branco, no alvorecer do século XX. A ampla e longa avenida seria dado o papel de representar um Brasil moderno, civilizado, organizado, culto e atrelado ao contexto europeu. Foi assim que ela ganhou como marcos fundamentais os equipamentos culturais mais importantes do país: a Biblioteca Nacional (a leitura), a Escola Nacional de Belas Artes e o Museu (o ensino e as artes), o Teatro Municipal (a música), além do Senado da República (a política). Em Copacabana, foi outra a estética. A Avenida Atlântica representou um modelo diferente da Avenida Central, mostrando um Brasil cosmopolita e com paisagens tropicais, para exportação.

Apesar de apresentar uma proposta diferente em seu Plano Piloto, a Barra da Tijuca possui em comum com o Centro e Copacabana ideologias do moderno, civilizado, racional e elitista. Elementos que compõem o imaginário em torno destes bairros, todavia, referente a cada época em que surgiram como planos, reformas e ocupações.

A elite brasileira, desde os séculos XVII e XVIII tinha vergonha do que possuía do negro e do índio. No século XIX, quer ser 'francesa'. E no final do século XX e início do XXI, deseja ser 'norte-americana'. São as representações e imagens que abraçamos em relação



à nossa cultura e nossos valores, o quanto somos capazes de olhar para fora do país, ao invés de enxergarmos para dentro – de nós mesmos. E que as reformas urbanas expressam.

É importante ressaltar o quanto a distância foi aumentando, com o passar dos anos, entre o ideal de Lúcio Costa e a realidade. Dentro do que ele havia proposto, o que se conseguiu concretizar foi sendo alterado; a intenção era promover um novo Centro, que ligasse as zonas norte e sul da Cidade, por meio da zona oeste. *Entre outras propostas defendidas pelo plano, estão a instalação de uma rede elétrica subterrânea, a plantação de palmeiras imperiais, na Via 11 e na Av. Litorânea, não haver tráfego de mão dupla.*(COSTA, 1969: 352).

O próprio Plano Piloto trouxe componentes ideológicos que criavam uma nova forma de viver e, esta era realmente a proposta de Lúcio Costa: um lugar onde pudesse acontecer um desenvolvimento em harmonia com a natureza. E se apropriou de símbolos que representavam a tranquilidade, o agreste, o bucólico e o privativo, também trouxe oportunidades de aumentar os lucros de empreendedores imobiliários. Pois, tudo o que o sistema capitalista necessita para sobreviver é de fetiches e de produtos novos, que possam ser comercializados e para tanto, divulgados.

No entanto, o Plano foi gerando descontentamento, polêmicas e o próprio Lúcio Costa, aborrecido, se afastou do trabalho. Decretaram a alteração de gabaritos, criando novas condições de parcelamento e autorizando a construção de hotéis-residência ao longo da orla marítima. Essa modificação por decreto se deve às reivindicações apresentadas por imobiliárias (setor privado), que já no início da década de 80, entravam em crise econômica – passados os lucrativos anos do ‘milagre’. É nesse contexto de redemocratização do País e de crise econômica, que ocorrem as primeiras críticas ao Plano de urbanização da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá.

Como a Barra da Tijuca, na concepção urbanística do planejamento, foi criada para atender a uma pequena parcela da população (elite), as imobiliárias buscaram a possibilidade de construir edificações que servissem à classe média. Entre as alterações ocorridas no plano original, três aspectos são considerados importantes, *as promovidas pelo Estado na implantação da infra-estrutura básica, modificando as propostas originais; as relativas ao gabarito das edificações e ao uso do solo; e o surgimento de favelas na região.*(LEITÃO, 1999: 98).

Apesar de uma proposta da concretização de um plano paralelo, que visava atender às comunidades de baixo poder aquisitivo, cuja intenção era de destinar uma área para esta camada da população, a meta não foi atingida. As favelas na Barra da Tijuca, totalizando

26<sup>5</sup>, se instalaram nas áreas de pouco proveito para as imobiliárias e construtoras, que são as margens dos rios, canais e lagoas.

Como exemplo, a favela de Marapendi, situada no km 0 da Avenida das Américas, tem na maioria de seus moradores, trabalhadores dos canteiros de obras da Barra da Tijuca e prestadores de serviços nas residências luxuosas dos condomínios. Toda a desordem e as transformações por ela encetadas, e que não foram previstas no plano racionalista de Lúcio Costa, nos faz refletir sobre até que ponto um planejamento urbano consegue controlar os fluxos e os processos pertinentes à cidade.

O projeto, entretanto, foi em frente, arrastando-se em contradições. *Sabemos que a Barra da Tijuca é o resultado de um processo social no qual interagiram, ao lado do Estado, as forças do mercado, os grupos sociais formais ou informais e, de certa forma, o imaginário coletivo fortemente mediatizado pelos setores de comunicação.*(PINHEIRO, 2001: 103). Além disso, é filho do conflito ordem x desordem e que, portanto, comporta contradições nítidas em sua paisagem. Em realidade, a Barra é o caldeirão de representações que vêm acompanhando cada época e cada bairro da Cidade, que é projeção cultural do Brasil. Sobretudo, a Barra da Tijuca retrata os valores de um país; em particular os que compõem seu imaginário.

#### O IMAGINÁRIO EM TORNO DE UM BAIRRO.

Hipermercados e *shopping centers*, vias expressas, néons, praias e *outdoors* luminosos – são estes os elementos que compõem a paisagem da Barra construída. Sua imagem está associada aos condomínios fechados, que apresentam uma infra-estrutura complexa (restaurantes, transporte, lazer) e em sistemas de segurança que se pretendem totais. Um estilo de vida que a Barra e seus moradores criaram como evidência de uma identidade pertencente àqueles que moram e freqüentam o bairro. O estilo dos ‘emergentes’ da cidade. *A imagem da região é comumente associada à dos subúrbios norte-americanos, principalmente por seus aspectos funcionais e pela morfologia das edificações, ambos muito diversos daqueles praticados até então no Rio de Janeiro.*(PINHEIRO, 2001: 15).

Os emergentes constituem um grupo social, cuja característica principal é a rápida ascensão social. Instalados em casas dos condomínios exclusivos, cercados de ‘glamour’ e dinheiro, são geralmente grandes comerciantes e empresários dos ramos de marmoraria, açougues, padarias, hospitais, colégios, automóveis, etc; são tradicionais famílias tijucanas, que buscam um lugar tranquilo para viver, além de uma classe média da zona sul, com o mesmo objetivo, além também dos jogadores de futebol, cantores populares e astros da televisão, que se elevaram ao sucesso e à riqueza, de um dia para o outro. *Dentro deste*

---

<sup>5</sup> Este número é de 2003, sendo que atualmente, ele pode ter ultrapassado.



*novo estilo de viver, o automóvel possui papel relevante no cotidiano das pessoas: uma típica garagem da Barra da Tijuca contém um carro para cada membro da família.*(VEJARIO, 26 de maio de 1994).

O bairro apresenta como eixo de circulação principal, a Avenida das Américas, por onde passam grande parte dos automóveis em alta velocidade e em suas margens, estão localizados os *shoppings*. A Avenida das Américas pode ser encarada como um fenômeno urbanístico recente, em que a cidade se torna mensagem, toda construída de signos, pois ela comunica para poder funcionar. *Daí a necessidade da construção de imagens que se utilizam maciçamente do repertório da propaganda e que abusam de signos de forte apelo visual, atraindo o olhar.*(PINHEIRO, 2001: 126).

A Barra da Tijuca também é conhecida pelos seus templos do consumo, onde visitantes se deleitam no prazer de possuir os fetiches do momento. *A princípio, foram os hipermercados a se instalarem (o pioneiro é o Carrefour). Logo depois, vieram os shoppings: lugares protegidos, controlados, vigiados, auto-referenciados e auto-suficientes.* (PINHEIRO, 2001: 144). A estátua da Liberdade, localizada no *New York City Center*, um dos centros comerciais do bairro, representa o símbolo do poder capitalista norte-americano. Ressalta que a Barra da Tijuca busca presentificar algo que está ausente. Seja um modelo de vida importado dos EUA, seja a parte da história da cidade, que o bairro não viveu.

Em centros comerciais como *Cittá América* e *Down Town*, além do próprio *Barrashopping*, quando investiu na criação do Mercado Praça XV, por exemplo, encontramos uma tentativa de reviver algo que o bairro não participou, na história do Rio de Janeiro. Daí surgem os simulacros – falsas imagens, geradoras de uma representação distorcida da realidade, forçando uma situação e um sentido que se tornam destacados na paisagem. *No Cittá América, jardins interiores são como nos parques românticos do século XIX, cujos melhores exemplos no Rio são o Passeio Público e o Campo de Santana.*(PINHEIRO, 2001: 145).

Os condomínios fechados são um outro item na paisagem da Barra da Tijuca e, constituintes do seu imaginário. *Embora não desejados por Lúcio Costa, cujo plano inicial previa apenas construções baixas e hotéis na orla, o trecho foi totalmente ocupado por torres altas e casas.* (PINHEIRO, 2001: 131). Os condomínios mais conhecidos são o *Ocean Front*, *Golden Green*, o Jardim Marapendi, o Atlântico Sul e o Alfa Barra. Nas ruas, mais adentro, conjunto de casas aparecem, mas também grupos de prédios um pouco mais altos: são os condomínios Santa Marina, Santa Mônica, Rio Mar e Interlagos de Itaúna. Do outro lado da avenida, o condomínio das Mansões anuncia a chegada da Pedra de Itaúna, um dos monumentos naturais da Barra, antes de encontrarmos o Recreio dos Bandeirantes. Entre a

Avenida das Américas e a Lagoa de Marapendi desenvolveram-se os condomínios residenciais, com prédios de torres altas e conjuntos de casas baixas.

A imagem dos condomínios fechados está intimamente associada ao lazer garantido, com a aquisição da segurança e do contato com a natureza, domesticada nos jardins e bosques, devidamente planejados. Com estes fatores favoráveis, e ainda sem esquecer a proximidade com a praia, as imobiliárias venderam e continuam vendendo os atributos do lugar, por meio de propagandas.

E é nelas que encontramos um conjunto de elementos e valores que compõem o imaginário em torno da Barra da Tijuca. As mais recentes têm buscado atrair o consumidor, através de um discurso que evidencie o requinte, o alto padrão dos materiais utilizados na construção (este interesse intensificou-se mais, após a tragédia do edifício Palace II), demonstram a oportunidade de mudar de vida e quase sempre se utilizam de um vocabulário estrangeiro (*Residence Service, First Class Apartments*). Por exemplo, a propaganda do condomínio Rio 2 (construtora Carvalho Hosken), tem por *slogan* “A Cidade Inteligente – tudo foi planejado para fazer a vida ficar mais fácil e mais gostosa de ser vivida”, o que nos remete à uma preocupação em vender facilidades que em outro lugar não há. Outro exemplo é o do complexo de condomínios *Cielo Vita*, que coloca em seu texto, a importância de se morar em um apartamento duplex, e ainda, a chance de mudar a planta do seu apartamento, depois de adquiri-lo. O duplex pode se tornar um *loft* através do *Personal Life*. Investem na idéia da qualidade de vida e, como em todos os outros anúncios relativos às construções no bairro, evidenciam o nome da construtora, que no caso é a Gafisa, enquanto sinônimo de garantia. Seu *slogan* é “É duplex. É no Mundo Novo. É um Gafisa. Precisa dizer mais alguma coisa?”. Seus 240 apartamentos foram vendidos antes mesmo da construção. E 90% da indústria imobiliária do Rio investe no bairro.

A então adoração pelo modelo norte-americano pode explicar a intensa procura pelos imóveis no bairro. Mas, nem sempre os imóveis são vendidos para a moradia das famílias. Atualmente, a busca por investimentos em imóveis tem crescido na região (há muitos projetos para a instalação de novos centros empresariais), além do aluguel que se pode arrecadar com a compra de apartamentos tão valorizados. E não só isso, também tem aumentado o número de domicílios ocasionais, ou seja, pessoas que possuem dois imóveis na mesma cidade – morando ocasionalmente nos dois. Segundo os dados preliminares do Censo 2000 do IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*), a Barra é o segundo bairro da cidade em domicílios ocasionais. “A Barra virou o nosso Cabo Frio, mas muito mais perto e com mais opções de lazer” – diz Regina, de 50 anos. (O GLOBO, 13 de maio de 2001).

Os moradores da Barra criaram uma identidade forte em torno do que significa ser um habitante do bairro. Se vangloriam de não precisar sair de lá para nada. Tem de tudo. E se organizaram em associações, através de cada condomínio representado como tal, como na Câmara Comunitária da Barra e na AMA-Barra, através das quais reivindicam seus interesses.

A proposta de um novo modelo de urbanização contraria os interesses de grandes grupos do capital imobiliário, que acreditam em uma outra concepção de crescimento para esta área: a expansão urbana que possa atender às necessidades de uma camada social mais elevada que pode pagar pelo preço estipulado da 'qualidade de vida'. *É portanto, na reação desses segmentos do capital imobiliário que pode ser encontrada a gênese do movimento pela emancipação, que vai propor a criação de um novo município no Estado do Rio de Janeiro: o município da Barra da Tijuca.*(LEITÃO, 1999: 117). A derrota do projeto de emancipação, aconteceu no plebiscito realizado no dia 3 de julho de 1988.

Se emancipando, a Barra da Tijuca seria um município em que o seu governo, sem qualquer outra opção, deveria seguir as diretrizes do poder privado. Sem ele, como tal município sobreviveria? *A Barra da Tijuca surgiu num momento marcado pela hegemonia crescente das telecomunicações, da informática, da indústria de propaganda, da cultura pop, dos fenômenos de massa, do endeusamento do corpo e da mitificação da juventude.*(PINHEIRO, 2001: 16). Aí estão algumas das principais representações em torno da Barra da Tijuca.

Em contrapartida, sua imagem também está relacionada com o desmatamento desenfreado, a emissão de esgotos e detritos nos rios e lagoas da área, além da favelização já ter chegado ao bairro em questão. *O mais esperado pela comunidade é a construção da estação de tratamento e do emissário, que levará para alto mar o esgoto de 150 mil habitantes da Barra e de 370 mil da Baixada de Jacarepaguá.*(O GLOBO, 29 de maio de 1994). A obra do emissário submarino caminha a passos lentos e a Linha Amarela foi concluída, apesar de ser uma via expressa bastante insegura. Sua construção tem por objetivo a ligação da Barra à Ilha do Fundão, diminuindo os congestionamentos.

Entretanto, o problema do tráfego na Barra não foi ainda totalmente resolvido, assim como os despejos de esgoto não tratado também não. Além disso, existem a devastação dos manguezais e o aumento da criminalidade nas ruas do bairro. *Sobre a Lagoa de Marapendi, dos três quilômetros de canal até o mar, 70% já estão sem vegetação, substituída por aterros ilegais, lixo e entulhos.*(JORNAL DO BRASIL, 27 de maio de 1994). Com este estado de coisas, os próprios moradores da área ficarão prejudicados, pela desvalorização dos seus imóveis, se não tomarem devidas providências.

Por trás dos problemas da Barra estão relações do poder público com o poder privado muito duvidosas. Há um exemplo do que aconteceu com Luiz Paulo Conde, no período em que foi Secretário de Urbanismo de César Maia (seu atual opositor político na Cidade). Conde proibiu construções irregulares da construtora Carvalho Hosken. No entanto, a construtora conseguiu que um juiz expedisse ordem de prisão contra Conde. Escapou, pois se escondeu. *Três anos depois, a Carvalho Hosken fez uma doação de 15.000 reais para a campanha de Conde à prefeitura.* (VEJARIO, 14 de julho de 1994).

Com a problematização da falta de infra-estrutura básica na região, percebemos que o sonho dourado da qualidade de vida pode ser algo bastante superficial. E se aprofundarmos as questões de caráter ambiental, também veremos o quanto de trabalho é necessário na Barra da Tijuca, para torná-la modelo de urbanização.

#### A VISÃO DOS MORADORES DO BAIRRO.

Como os moradores montam e encaram este que é o seu próprio imaginário?

A análise desse quadro será baseado em dois momentos: um, em 1994 com a pesquisa realizada pela profa. Sílvia Josephson, para a sua dissertação de Mestrado em Psicologia da UERJ. O outro momento, com a pesquisa realizada pela autora deste trabalho em 2002.

O da pesquisa de Josephson tinha por objetivo mapear a opinião dos moradores de dois condomínios exclusivos da Barra: o “Novo Leblon” e o “Santa Mônica Sul”. Justifica ela: *o “Novo Leblon” foi um dos primeiros a ser construído segundo a proposta de articular habitação, serviços e lazer numa mesma área. O “Santa Mônica Sul” é um condomínio caracterizado por construções unifamiliares, situando-se em frente ao “Novo Leblon”.*(JOSEPHSON, 1994: 57).

As entrevistas feitas atingiram um total de sete moradores – sendo quatro no condomínio “Novo Leblon” e três no “Santa Mônica Sul”. Ao invés de apresentar um caráter quantitativo, a pesquisa busca traçar uma análise qualitativa. Primeiro, baseando-se em bibliografia existente, à qual compara a sua. *O objetivo maior da análise foi compreender o sistema de valores presente, em todos os indivíduos, e que pode revelar a cultura em que vivem, da forma como é vivida. Trata-se de enfatizar o aspecto chamado de representatividade social e, não o estatístico.*(JOSEPHSON, 1994: 58).

As entrevistas seguiram um roteiro construído previamente e que também serviu de base para as entrevistas realizadas no segundo momento. Este roteiro é constituído dos seguintes itens:

1. o lugar da moradia anterior;

2. os motivos que levaram à mudança para a Barra da Tijuca;
3. os motivos que presidiram a escolha do condomínio;
4. as relações com os vizinhos;
5. o uso dos espaços comuns;
6. o significado de privacidade; e
7. a percepção acerca de mudanças que estão ocorrendo no bairro atualmente.

Com base nesta entrevista e seus resultados, formulei um outro roteiro que apliquei em 2002. Para este segundo momento de esboço do quadro apresentado, algumas modificações foram empreendidas, com o intuito de atingir novos objetivos, que não seriam componentes das diretrizes pretendidas com o primeiro trabalho. Este, muito voltado para a percepção do que seja a vida dentro dos condomínios fechados, contribui em parte com o segundo momento, que visa ampliar o conhecimento sobre o cotidiano na Barra da Tijuca. Não se atém especificamente aos condomínios, mas nos valores construídos no local pela sua população.

Daí surgiu um novo roteiro-base para as entrevistas:

1. Sexo do entrevistado;
2. Profissão;
3. Tempo de moradia. Onde morava antes e quais os motivos que o levaram a ir para o bairro;
4. Qual o tipo de moradia (unifamiliar ou multifamiliar). Qual o contato com a vizinhança;
5. O que acha da imagem da Barra que é veiculada nos meios de comunicação, como o lado moderno do Rio de Janeiro e vocação para primeiro mundo;
6. Qual a imagem que você, como morador, descreveria da Barra.

É importante ressaltar os objetivos a serem alcançados pela pesquisa, através das perguntas que foram selecionadas. Os motivos pelos quais as pessoas entrevistadas foram residir na Barra da Tijuca vão de encontro com os possíveis resultados adquiridos com as duas últimas perguntas relacionadas à imagem que é veiculada nos meios de propaganda, além do que é fazer parte de uma convivência que, anteriormente, gerava algumas expectativas. A intenção é proporcionar uma análise qualitativa dos valores que são atribuídos ao lugar e aos seus habitantes, e se os discursos e imagens divulgados por

diversos canais de comunicação coincidem ou se diferenciam do que é vivenciado pelos moradores. Além disso, promove uma ponte entre os resultados de uma pesquisa realizada em 1994 com os resultados de uma pesquisa feita em 2002. Isto nos permite avaliar o que se alterou (em oito anos), nas opiniões das pessoas quanto ao bairro onde moram. Entretanto, entendemos que os resultados dos dois momentos arrolados na pesquisa evidenciam uma parcela da realidade, mas não a realidade total em si. Vejamos, então, as respostas obtidas com o trajeto percorrido pelas duas pesquisas:

- *“Aqui no condomínio é tudo muito tranqüilo. Pode-se andar à vontade no condomínio que nada acontece. Na Barra, não. Tem muito assalto em ônibus, nos estacionamentos.”* (morador do “Novo Leblon”).

- *“Nos condomínios se paga pela segurança que se tem, mas na Barra não tem segurança pública.”* (morador do “Santa Mônica Sul”).

Com as onze entrevistas realizadas em 2002, a questão da segurança se refere, de acordo com quatro entrevistados (os únicos que falaram sobre o assunto), à uma Barra da Tijuca ameaçada pelo descaso público e pelo progresso, como causador de muitas conseqüências desagradáveis. Entre estas, a insegurança. Como no relato abaixo:

- *“Um lugar que já foi tranqüilo um dia. Porém, com a chegada dos avanços tecnológicos, dos “shoppings” e concessionárias, nota-se a chegada dos problemas que afligem todo grande centro urbano: roubos, furtos, ...”.*

Em comparação com os entrevistados de 1994, estes revelaram uma dissociação dos condomínios com o bairro em si. Diziam que o bairro era violento como todos os outros bairros da cidade, no entanto, o condomínio, para eles, era o porto seguro. A “ilha”, onde possuem toda a comodidade que necessitam aliada à segurança. Porém, sem levarem em consideração o isolamento social que isto poderia gerar. Alguns entrevistados de 2002, demonstram o caráter individualista do bairro como a imagem benéfica do lugar e outros se ressentem da falta de calor humano e das distâncias. Vide os relatos abaixo:

- *“Uma ilha com lugares maravilhosos, sendo assim melhor lugar para se viver no Brasil”.*

- *“Desvantagens: falta de calor humano e distância de tudo”.*

Os entrevistados em 1994, ressaltam o individualismo excessivo como característica positiva e que foram morar na Barra, justamente por esse motivo, dentro da lista geral de motivações. Alguns relatos nos dizem:



- *“Vivo dentro da minha casa. Aqui cada um cuida da sua vida”*. (moradora do “Santa Mônica Sul”).

- *“Eu não gosto de vida social. (...) Da minha janela dá pra ver o clube e eu não vejo muita gente freqüentando, nem vejo as pessoas usando a piscina de seus prédios”*. (morador do “Novo Leblon”).

A maioria das respostas de oito anos atrás eram essas. *O isolamento parece atuar em duas vias: uma que se liga à idéia de tranquilidade e segurança, como fuga da violência urbana; outra que se expressa em relação aos vizinhos, como sinônimo de privacidade*. (JOSEPHSON, 1994: 76). A imagem de uma cidade do caos, inserida no contexto de uma representatividade social, nos revela um crescente individualismo e uma procura cada maior pela privacidade exacerbada. *Enquanto o desencanto em relação à vida nas cidades ecoa pelos artigos na mídia, recrudesce o tratamento do espaço como objeto de consumo (...) núcleos exclusivistas de bem-estar e segurança em condomínios fechados*. (BARBOSA, 1999: 61).

Em se tratando do cotidiano das relações, um relato é impressionante e data de 2002:

- *“Um ótimo local para se viver, porém com muitas pessoas mesquinhas, sem cultura alguma, superficiais”*.

O que contraria a tese de Tuan sobre as pessoas julgarem a qualidade de vida de um lugar, mais pelos vizinhos do que pelo aspecto físico do ambiente.

O que podemos observar diante das duas pesquisas realizadas, é que tanto em 1994 quanto em 2002, os moradores da Barra atestam esta característica individualista do lugar como algo positivo. Algumas exceções declaram que tal aspecto é negativo, no entanto, não deixam de permanecer e de elogiar as conveniências e serviços que o bairro oferece. Ou seja, as pessoas que buscam a Barra como local de moradia procuram, inclusive, o isolamento e a privacidade que suas construções apresentam. A relação com o espaço é exclusivista, seja dentro dos condomínios, seja dentro dos automóveis de janelas fechadas, que circulam pelas avenidas movimentadas.

Entretanto, existe vida comunitária na Barra. Escassa, mas sempre há exceções. Vide o relato de um dos moradores, em 2002:

- *“Contato excelente com a vizinhança. Já tenho inclusive encontrado solução de alguns problemas comunitários (segurança, rede de esgoto, calçamento, etc.)”*. Este morador ainda defende a emancipação do bairro,

- *“Não concordo que a Barra seja primeiro mundo! Isto só seria possível se a Barra e sua periferia se tornasse um novo Município”.*

Entre os entrevistados de 2002, muitos foram morar na Barra, por decisão dos pais. Ou seja, filhos da geração que abraçou o ideal de morar em um lugar com um novo estilo de viver. Estes, nunca moraram em outros bairros da cidade. Portanto, suas experiências com o espaço em uma escala micro é exclusivamente com a Barra da Tijuca. Vide alguns relatos:

- *“Parecia um bom local para meus pais. Acho ótimo, pois realmente temos várias opções de lazer, cultura e necessidades dentro do próprio bairro”.*

- *“Em 1980, meu pai foi transferido de São Paulo para o Rio e uns amigos disseram que era melhor do que Leblon e Ipanema, pois havia condomínios com escola, bosques, clubes e principalmente, segurança. Aparentemente a Barra é bastante moderna, mas tem muitos pontos negativos como a corrupção de imobiliárias que levantam prédios mais altos do que o permitido. E com certeza Miami é bem mais moderna”.*

- *“Moro na Barra há 22 anos. Minha mãe mudou e eu tive que mudar. Morei até dois anos de idade na Tijuca. (...) Um lugar gostoso e na maioria das vezes tranquilo de se morar, com muitas opções de lazer”.*

- *“Meus pais se mudaram para Barra quando eu tinha 9 anos e o motivo foi a tranquilidade de se morar em um condomínio fechado com a praia à sua frente. Antes eu morava no Méier, de onde, aliás, veio muita gente pra cá”.*

Como não tiveram escolha própria quando foram morar na Barra e muitos, desde criança, não tiveram outra experiência cotidiana, a não ser com o bairro em questão, o que podemos observar é um contentamento imposto. Ou seja, já que não conheceram o cotidiano de outros bairros da cidade, como poderiam falar contra a Barra da Tijuca? Só poderia haver análise crítica, se houvesse outras referências espaciais para eles. No entanto, a exceção foi com o entrevistado que disse ter vindo de São Paulo para o Rio de Janeiro, dizendo ainda que há corrupção nas construtoras.

Entretanto, com os entrevistados que já tiveram outras experiências espaciais, os comentários são vastos quanto às críticas e comparações com outros lugares. Vide os relatos logo abaixo:

- *“O bairro teve um crescimento ordenado (...) Temos horizonte e ventilação. (...) Um novo Rio. Lembra Miami e Brasília. A av.das Américas lembra Brasília, é um bairro jovem e com um bom nível social”.*

- *“Eu morava em Salvador. Pode-se dizer que é a Miami brasileira”.*

- *“O principal motivo foi o custo/benefício pois em Copacabana, aonde morava, dentro do que eu podia pagar, não encontrei nada decente. Há ainda muito o que melhorar, como a qualidade da água”.*

Com os mesmos entrevistados de 2002, há que ressaltar uma diferença entre os moradores mais recentes e os mais antigos no bairro. Os mais novos refletem uma coerência com o discurso que é divulgado em propagandas. Ou seja, o que ouviram, ainda legitimam. Vide os relatos:

- *“Moro na Barra apenas há dois meses. Melhor lugar para morar, pois os índices de poluição são baixos e violência controlada”.*

- *“7 anos. Vim por melhores condições, segurança e lazer para os filhos. Ótimas condições, inexistência de favela, praia bonita”.*

- *“6 meses. Um novo Rio dotado de boa estrutura de comércio e serviços”.*

Os moradores mais antigos, ou seja, que residem há mais de dez anos, pelo menos, se contradizem com mais facilidade. Apresentam respostas mais complexas. Quando perguntados se concordam com a imagem que é veiculada nas propagandas, discordam quanto à vocação de primeiro mundo da Barra e enumeram os diversos problemas enfrentados. Mas, quando são interrogados sobre a imagem que construíram para o bairro, repetem o que é dito nas mesmas propagandas que criticaram. Vide os dois próximos exemplos:

- *“Optei pela Barra para proporcionar aos meus filhos uma excelente qualidade de vida, ar livre, grandes espaços, praia limpa. Ainda é um dos melhores bairros do Brasil para se viver, mas este quadro está se revertendo gradativamente e tende a piorar em face do descaso do poder público”.*

- *“Busca de tranqüilidade e melhor qualidade de vida. A imagem que é veiculada é parcialmente verdadeira. Nota-se uma geografia similar à de Miami, o que contribui com tal fama. Um lugar que já foi tranqüilo algum dia”.*

Estes relatos demonstram também que os moradores mais antigos, os primeiros a abraçarem o ideal de morar bem, representado pela Barra da Tijuca, falam de suas motivações igualmente por mais qualidade de vida, assim como os moradores mais novos. No entanto, como já acumulam experiências da vida cotidiana do lugar há mais tempo, têm maior facilidade em apontar as imperfeições e fazer críticas. Quanto mais recente é o morador, mais ele tem dificuldades de dissociar o seu discurso do discurso que é veiculado

nos anúncios, como costumamos ver. E por parte dos mais antigos, é mais nítida a colocação de três aspectos que coincidem com três fases, podemos assim dizer, da moradia no bairro:

1. A motivação dos moradores mais antigos (qualidade de vida). É a fase inicial da moradia no bairro e que os moradores novos ainda estão vivenciando. A maioria ainda acredita que a imagem veiculada é totalmente condizente com a realidade;

2. Considerar a imagem que é divulgada, porém ressaltar que ela é parcialmente verdadeira. E que ela não dá conta de toda a realidade;

3. Apresentar os problemas que enfrentam. É quando descobrem que o sonho não pode ser adquirido por meio de uma compra e sim, tem de ser ainda conquistado. Entretanto, o morador ainda se contradiz quando, ao mesmo tempo que critica, enaltece o discurso de que a Barra é o melhor lugar para se viver. Seria, talvez, uma questão de identidade pertinente ao grupo social em questão (os moradores da Barra).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Até aqui, torna-se evidente a relação existente entre a representação social – os discursos produzidos pela mídia e pelos veículos de comunicação que também se incluem, as instituições na sociedade – e a vida cotidiana da população. E por mais que a realidade se projete com tamanha intensidade, a imagem e a identidade construídas para um bairro como a Barra da Tijuca ganhou uma força, que se torna impossível não acata-la por um determinado grupo social.

Para os moradores mais recentes do bairro, ainda cheios de expectativas quanto ao lugar, a imagem é mais forte do que a própria realidade. Pois, é a imagem o que eles compraram. Já os moradores mais antigos, a realidade se destaca, mas quanto à identidade jamais desejam que se interrompa, que se altere. A idéia que ganha força é ainda a do melhor bairro para se viver e seria ainda melhor, sob esta ótica, se ele se tornasse um município independente, livre de um poder público ineficiente. Aquele que não oferece segurança, conforto e beleza.

Por isso, a Barra da Tijuca é um bairro que possui uma imagem construída pelo poder privado e sob valores do consumismo, que enaltece a profusão de imagens. Mas, além um imaginário construído e de uma identidade, a representação social, neste caso, é um conjunto de valores que estão inseridos em toda a sociedade. O que acaba por se refletir no espaço geográfico.

De acordo com os resultados das pesquisas comparadas de 1994 e de 2002, em oito anos o poder público não assumiu totalmente o controle do ordenamento territorial, no bairro

em questão. E continua não assumindo, gerando uma atmosfera de insegurança e de intranqüilidade, mesmo em um bairro como a Barra da Tijuca, que foi cuidadosamente planejado. Mas, justamente na nova concepção, que é a dos condomínios fechados e auto-suficientes, é que a população vem afirmando sentir maior segurança. Ou seja, o espaço privado ganhou uma importância, ocasionando uma degeneração do espaço público. Espaço, pertencente à uma coletividade que não se identifica com ele. Pois, o associa à violência e ao abandono. O que causa um crescente individualismo, proveniente de uma desconfiança muito grande com relação ao outro. Por isso, aqueles que buscam a Barra, esperam uma qualidade de vida associada à privacidade, segurança e comodidade. Esta parcela da sociedade se torna exclusivista e cada vez mais, se torna ela um exemplo de sucesso para moradores de outros bairros da cidade. As propagandas que são veiculadas retratam uma parte desta realidade. Pois o lado desvantajoso da poluição das praias e lagoas, e da favelização crescente em seus arredores, se torna constante no cotidiano da população, porém camuflado nos anúncios das revistas.

Mas, a preocupação maior apontada pela maioria dos entrevistados é a questão da segurança. Ela perpassa pelo imaginário coletivo da população de toda a cidade. Em todas as classes sociais, esta é uma das maiores preocupações do indivíduo carioca. E pelo que nos mostra a pesquisa de 1994, isto já acontecia. O medo do caos e da desordem espontâneos, a desigualdade social, ou seja a 'cidade partida', nos mostra que a imagem do Rio de Janeiro está muito ligada à falta de segurança. Para o restante do Brasil e o exterior. E seus moradores buscam, principalmente os que possuem maior poder aquisitivo, as moradias 'encasteladas', os feudos, onde os que estão dentro, têm a falsa sensação de liberdade. Porém, vivem presidiários de um espaço auto-suficiente, que os permite confiar que o melhor para a Barra seria a sua emancipação. A tentativa é de criar um município sem os prejuízos e desvantagens, que são importados do Rio de Janeiro, com o seu desenvolvimento desigual.

A Barra da Tijuca é um bairro realmente diferente, o que não se pode deixar de admitir, pois seu aspecto diferencial reside no que é um bairro planejado na segunda metade do século XX. Período tão conturbado da história da Humanidade, que após presenciar duas guerras mundiais, se viu diante de um conflito ideológico das duas maiores potências internacionais: URSS x EUA. E mesmo antes e durante a Guerra Fria, presenciou o apogeu do império norte-americano. O império do consumo, da produção em massa, da competitividade e produtividade e do aumento na velocidade dos meios de transporte e de comunicação. Com isso, a Barra da Tijuca cresceu, assim como a geração *baby boom*, mergulhada em valores típicos da cultura norte-americana. Uma geração, que repetindo seus antepassados na história da sociedade brasileira, legitimou os valores

estrangeiros. O que pôde ocasionar um afastamento de nós mesmos e principalmente, de nossas necessidades.

Construímos valores que moram na superfície terrestre, como marcas que se confundem umas com as outras, com a chegada das recentes e, voltam a nós por meio de imagens, discursos e práticas espaciais. Portanto, o espaço é produto da sociedade e objeto da Geografia, para então, entendermos a própria sociedade. E mais do que isso, ele é também agente na construção de valores sociais. Porque sem a sua existência concreta, não estaríamos tão preocupados com a nossa relação com o meio ambiente, a qualidade de vida, ordenamentos territoriais e reformas urbanas. Pois, somando-se a isso, o próprio conhecimento que ele guarda sobre nós mesmos, é que o mantém tão instigante nos estudos a que nos dedicamos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J.L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. In: Geographia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Ano II, n. 3, Niterói, 2000.
- BARBOSA, J.L. O caos como imago urbis – Um ensaio crítico a respeito de uma fábula hiperreal. In: Geographia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Ano I, n. 1, Niterói, 1999.
- COSTA, L. Plano Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá. Rio de Janeiro, 1969.
- JODELET, D. (org.) As Representações Sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- JOSEPHSON, S. A morte das ruas: estudo das relações entre público e privado nos condomínios exclusivos. Dissertação (Mestrado em Psicologia), área de concentração: Psicologia e práticas sócio-culturais, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1994.
- LEITÃO, G. A construção do eldorado urbano: o Plano Piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988. Niterói: EDUFF, 1999.
- LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLLETTI, A. Perspectivas da Geografia, São Paulo: DIFEL, 1985.
- MOREIRA, R. As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades. In: Geographia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Ano III, n. 5, Niterói, 2001.
- PINHEIRO, A I. e PINHEIRO, E. Barra da Tijuca: a construção de um lugar. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- RÓNAI, M. Paisagens II. In: Heródote, n. 7/Paris, s/ed. (mimeo), 1977.
- TOLKIEN, J.R.R. O Senhor dos Anéis – a sociedade do anel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TUAN, Y. Topofilia. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VELOSO, M.; MADEIRA, A. Leituras Brasileiras – Itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- REPORTAGENS DE JORNAIS E REVISTAS.
- AWI, F.; OLIVEIRA, F. e ANTUNES, L. Duas caras, uma cidade: privilégio carioca. Jornal O GLOBO, 13 de maio de 2001.
- GONÇALVES, L. Barra derrapa no crescimento acelerado. Jornal O GLOBO, 29 de maio de 1994.
- MAIRAN, P. Manguezal da Barra está sendo devastado. Jornal do Brasil, 27 de maio de 1994.
- VEJA Rio. A Barra entupida. 14 de julho de 1994.



VEJA Rio. O bairro do carro. 26 de maio de 1994.

PROPAGANDAS.

‘Barra World’, Rio de Janeiro, 2002.

‘Cielo Vita Residence Service’, Incorporação, construção e acabamento: Gafisa. Vendas: Patrimóvel, Rio de Janeiro, 2001.

‘El Camiño Real’, pela Calper construtora, Rio de Janeiro, 2002.

‘Península Paradiso’, por Rio Engenharia, Modal, Carvalho Hosken, vendas: Polimix Empreendimentos, Basimóvel, Nova Marca, Rio de Janeiro, 2002.

‘Rio 2 – a cidade inteligente’, pela construtora Carvalho Hosken, Rio de Janeiro, 2001.

‘The First Class Apartments’, por São Fernando e vendas: Diagonal, Rio de Janeiro, 2001.